

Inglaterra entra com US\$ 1,25 bi

Bronwyn Brann

NELSON FRANCO JOBIM

Correspondente

BIRMINGHAM, INGLATERRA — O governo britânico vai contribuir com um crédito de US\$ 1,25 bilhão para o programa econômico para o Brasil coordenado pelo Fundo Monetário Internacional, afirmou ontem o ministro da Indústria e do Comércio da Grã-Bretanha, Peter Mandelson. Depois de fazer o discurso inaugural da conferência *Brasil: um guia prático e inteligente para o pequeno exportador*, o ministro declarou: "Qualquer que seja o impacto do atual declínio econômico mundial — e o impacto recai sobre todos nós — os fundamentos da economia brasileira são fortes e vão ficar mais fortes com os esforços que estão sendo feitos. Estamos imensamente encorajados pela reeleição do presidente Cardoso".

Ao falar para uma platéia de quase 400 pequenos e médios empresários reunidos pelo Ministério da Indústria e do Comércio britânico em Birmingham, segunda maior cidade do país, Mandelson previu que "o Brasil vai se recuperar com um sucesso após o outro". Ele desafiou os empresários a aproveitar a "grande oportunidade" para mostrar que ficaram ao lado do Brasil neste momento de crise: "Vão e vejam o Brasil vocês mesmos pessoalmente. Façam uma pesquisa ou peçam uma a nossos postos no Brasil", disse Mandelson, acrescentando ter ficado impressionado ao ver São Paulo do avião e com "a genuína e vibrante vitalidade da cultura" quando esteve no país pela primeira vez, em julho deste ano.

Missão — Daqui a duas semanas, o ministro lidera uma missão empresarial que vai ao Brasil. Ele falou também que o ministério criou um esquema de tradução para apoiar atividades empresariais no exterior que poderá ser usado no Brasil e concluiu, falando em português: "Como dizem os brasileiros, depois da tempestade vem a bonança."

Já David Thomas, gerente geral do Lloyds Bank no Brasil e presidente da Câmara de Comércio Britânica no Brasil, previu uma reabertura rápida das linhas de crédito comercial ao país depois do acordo com o FMI. Apesar de não haver participação direta dos bancos privados no pacote de crédito do FMI, Thomas acredita agora que será muito mais fácil rolar as dívidas brasileiras, não havendo necessidade de um acordo formal conjunto com os bancos privados.

A reabertura do mercados de capitais para as empresas brasileiras, no entanto, vai exigir "meses", na opinião do gerente geral do Lloyds: "A Petrobrás acaba de voltar ao mercado lançando um bônus. Mas a Petrobrás é uma empresa muito especial. Para as outras companhias brasileiras, serão necessários alguns meses. Com a crise, existe uma pressão sobre os bancos e os mercados de capital, que estão bastante fechados para os mercados emergentes. No próximo ano, aos poucos deve voltar à normalidade. Os investidores vão começar a diferenciar mais o Brasil de outros mercados emergentes." Sua expectativa é que o pacote fiscal seja aprovado praticamente na íntegra, ou pelo menos em 80%, e que os próximos meses ofereçam poucas surpresas.